

Nova deflação tira IPCA dos 2 dígitos

Custo de vida Inflação em 12 meses a 8,73%

Nova deflação tira IPCA dos 2 dígitos

Recuo de 0,36% em agosto, apontado pelo IBGE, reflete novas quedas nos preços de combustíveis e efeitos de cortes em impostos; expectativa para setembro divide analistas

DANIELA AMORIM RIO

De novo sob o impacto do corte de impostos e da redução de preços de combustíveis nas refinarias anunciada pela Petrobras, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou deflação pelo segundo mês seguido. Em agosto, a queda nos preços foi 0,36%, depois do recuo de 0,68% em julho, informou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Com isso, a inflação em 12 meses baixou do nível de dois dígitos pela primeira vez em quase um ano: caiu dos 10,07% no acumulado até julho para 8,73%.

"Talvez em setembro haja nova queda, até porque a Petrobras pode cortar mais os preços da gasolina", diz a economista-chefe da B.Side Investimentos, Helena Veronese, que prevê, por ora, alta de 0,08% no IPCA de setembro. Já a Greenbay Investimentos espera uma queda de 0,20% em setembro, enquanto a LCA Consultores estima alta de 0,28%. A XP Investimentos projeta deflação de 0,14%. "Os efeitos da redução de ICMS sobre a inflação podem ser sentidos até outubro", avalia a economista Tatiana Nogueira, da XP.

Ela observa que as concessionárias de energia devem sofrer uma pressão maior para reduzir a tarifa e, em telecomunicações, as operadoras, que haviam alegado problemas operacionais para diminuir os preços de imediato devem fazer o repasse retroativo nos próximos meses. Outro fator que pode conter a inflação, cita, é o crédito mais caro no País.

Em agosto, caíram os preços da gasolina (-11,64%), do etanol (-8,67%) e da energia (-1,27%). Juntos os três itens ajudaram a conter a inflação em 0,79 ponto porcentual. No grupo comunicação, houve redução nos planos de telefonia fixa (-6,71%) e de telefonia móvel (-2,67%).

COLABORARAM ISABELA BOLZANI, ITALO BERTÃO FILHO E MARIANA REGINA SILVA

Custo de vida Inflação em 12 meses a 8,73%

Apesar da queda, IPCA ainda sofre pressão de saúde e vestuário

Sete dos nove grupos pesquisados tiveram alta em agosto, com destaque para itens de higiene pessoal e planos de saúde

DANIELA AMORIM RIO

Apesar da trégua dos preços de combustíveis e energia elétrica, sete dos nove grupos que compõem o IPCA apresentaram alta em agosto. No geral, as famílias tiveram de desembolsar mais dinheiro por 65% dos itens pesquisados pelo IBGE.

Os itens que mais pesaram no orçamento foram produtos de higiene pessoal, planos de saúde, emplacamento e licença de veículo, refeição fora de casa e roupa feminina. Os preços de alimentos e bebidas subiram menos, mas ainda estão 13,43% mais altos do que há um ano.

Para Helena Veronese, economista-chefe da B.Side Investimentos, a composição da deflação de agosto "não é boa", com preços industriais ainda elevados e alimentos dando uma trégua que pode ser apenas sazonal.

O grupo Alimentação e Bebidas teve uma elevação de 0,24% em agosto. Houve altas em itens como o frango em pedaços (2,87%), queijo (2,58%) e frutas (1,35%), mas quedas nos



preços do tomate (-11,25%), batata inglesa (-10,07%) e óleo de soja (-5,56%). O preço do leite longa-vida caiu 1,78% em agosto, depois de ter subido 25,46% em julho. Apenas neste ano, o produto acumula uma alta de 74,68%.

Já a inflação de serviços foi de uma elevação de 0,80%, em julho, para uma alta de 0,28% em agosto.

'Com deflação, não vejo razão para o BC elevar de novo os juros'

ENTREVISTA

Heron do Carmo Professor sênior da FEA/USP e especialista em inflação

MÁRCIA DE CHIARA

O economista Heron do Carmo, professor sênior da FEA/USP e um dos maiores especialistas em inflação do País, não descarta a possibilidade de uma nova deflação neste mês - que seria a terceira consecutiva, após os resultados de julho e agosto. Por conta disso, ele não vê razão para uma nova alta dos juros na reunião do Comitê de Política Monetária do Banco Central marcada para os próximos dias 20 e 21. A seguir, os principais trechos da entrevista.

Como o sr. avalia o quadro atual de preços e a deflação pelo segundo mês seguido?

De 2020 para cá, tivemos quatro choques que não foram naturais que afetaram os preços. O choque da pandemia que foi deflacionário. O segundo choque foi o da saída da pandemia, que puxou preços para cima, como o do petróleo. O terceiro choque foi a guerra da Ucrânia, que impulsionou combustíveis e alimentos. E, agora, no Brasil tivemos um choque deflacionário, com a redução de impostos sobre serviços de utilidade pública e combustíveis. O fato de a guerra da Ucrânia entrar numa certa estabilidade

e o mercado de produtos agrícolas reagir com oferta maior por conta de várias safras acabou contribuindo para o arrefecimento dos alimentos.

Qual sua previsão para a inflação no ano?

Em torno de 6%. Cheguei a projetar mais de 10%. Mas, depois das medidas de corte de impostos e da mudança do comportamento do câmbio, reduzi a projeção.

A deflação veio para ficar? Há possibilidade de termos deflação em setembro, mas, depois, a meu ver, não.

A deflação registrada em agosto, a segunda consecutiva, deve frear a intenção do BC de elevar os juros?

Não vejo razão para aumentar juros. A taxa real de juros já está positiva em relação à inflação passada: é de 13,75% ao ano para uma inflação em 12 meses abaixo de 9%. O efeito de mais uma alta seria muito pequeno.

Como explicar essa dissonância entre a deflação registrada pelos índices e o fato de a população não ter dinheiro para fazer compras no supermercado?

A situação está um pouco mais confortável, mas de jeito nenhum está normalizada. Apesar da deflação, as pessoas vão continuar sentindo desconforto entre a sua renda e os preços. É preciso um tempo suficientemente mais longo para que os preços relativos voltem ao padrão anterior ao das crises.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia Caderno: B Página: 1 e 2